

O Mundo em Ebulação e a Nova Corrida Armamentista

Marcos de Mendonça Silva

Academia Militar das Agulhas Negras - AMAN,
Resende, RJ, Brasil
Email: mmsilva70@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9534-4679>



RAN

Revista Agulhas Negras

e-ISSN (online) 2595-1084

<http://ebrevistas.eb.mil.br/aman>



<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

Arlindo José de Barros Junior

Academia Militar das Agulhas Negras - AMAN,
Resende, RJ, Brasil
Email: ran.editor@aman.eb.mil.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0625-6835>

O fim da Guerra Fria parecia anunciar a consolidação de uma ordem internacional mais cooperativa, marcada pela globalização, interdependência econômica e redução das tensões geopolíticas. No entanto, o final do primeiro quartel do século XXI revela um cenário diametralmente oposto, com a eclosão de conflitos em vários quadrantes e a retomada da corrida armamentista em escala global – não apenas nuclear, mas espacial, convencional, cibernética e hipersônica. A ciência política, as relações internacionais, a geopolítica e tantos outros campos do conhecimento encontram-se em um laboratório vivo, em que as disputas de poder moldam, em tempo real, os rumos da segurança internacional.

De acordo com o *Stockholm International Peace Research Institute* (SIPRI), os gastos militares globais atingiram a cifra de US\$ 2,718 trilhões em 2024, um aumento de quase 10% em relação ao ano anterior. Esse crescimento ocorreu em todas as grandes regiões geográficas, o que evidencia a natureza verdadeiramente global da militarização contemporânea (George *et al*, 2025).

Vivemos um momento de rara convergência de crises. Pela primeira vez desde o fim da ordem bipolar, praticamente todos os grandes teatros estratégicos encontram-se simultaneamente aquecidos. Esse quadro leva alguns analistas a identificar traços semelhantes aos de outros períodos históricos, nos quais a conjunção de conflitos regionais acabou por deflagrar tanto a Primeira quanto a Segunda Guerra Mundial.



Estariam, portanto, no limiar da Terceira Guerra Mundial? Não cabe a nós um arriscado exercício de adivinhação, mas é prudente nos debruçarmos sobre os inúmeros impactos desses conflitos na (re) configuração da ordem mundial. Afinal, essa sincronia não é coincidência; é sintoma de um sistema em transição acelerada, no qual a ordem liberal hegemônica de 1991-2008 dá lugar a um mundo multipolar ainda sem regras muito bem definidas.

A guerra da Ucrânia e o retorno da lógica de blocos

A guerra entre Rússia e Ucrânia reconfigurou mais uma vez o mapa da Europa e teve grandes desdobramentos até o momento: incessantes fluxos migratórios das populações diretamente afetadas, destruição de infraestruturas críticas, ampliação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) – com a entrada da Finlândia (2023) e da Suécia (2024), ressuscitando a lógica da Guerra Fria, com o choque entre blocos – e aceleração da militarização, com crescentes gastos decorrentes da modernização e ampliação das forças armadas de diversos países. Considerando o atual contexto de restrições ocidentais, a Rússia tem intensificado contatos com Pequim, Pyongyang e Teerã, o que inclui discussões voltadas a aspectos logísticos.

A Bacia do Pacífico como epicentro da tensão

Paralelamente, a Bacia do Pacífico emerge como o novo epicentro da rivalidade estratégica. O Mar do Sul da China, rico em estoques pesqueiros e altamente promissor na exploração de hidrocarbonetos e nódulos metálicos, tornou-se palco de disputas territoriais entre Pequim e seus vizinhos. Essa estratégica via é responsável por mais de um terço do comércio marítimo mundial e vem sendo palco da transformação de ilhas e atóis em verdadeiras bases militares, principalmente pela RPC. Em função dessa escalada de tensões, o Japão tem discutido seriamente a revisão do Art. 9º de sua constituição.

Taiwan é peça chave nesse tabuleiro geopolítico, tendo em vista o apoio dos EUA, que servem, por enquanto, de fiador do destino da ilha. No entanto, não é mera conjectura avaliar a possibilidade de uma ação voltada à reunificação por parte de Pequim, que, em diversas ocasiões, sinalizou sua disposição de reintegração da ilha, ainda que por meios coercitivos, o que poderia gerar um conflito de grandes proporções.

Austrália, Reino Unido e EUA, por meio da aliança AUKUS, e a Índia estão envolvidas e “objetivam fazer a manutenção da segurança regional – seja terrestre ou marítima – para garantir os princípios da Ordem Liberal Global, do direito internacional e da livre navegação” (Reis, 2023).



Oriente Médio: o ciclo interminável da violência

No Oriente Médio, tensões históricas persistem como feridas abertas. O conflito entre Israel e o Hamas, e a resposta israelense em Gaza, reavivaram antigas linhas de fratura, mas também revelaram novas alianças: esforços diplomáticos capitaneados pelos EUA para a normalização das relações entre Israel e Estados árabes sunitas (Acordos de Abraão) versus o “Eixo da Resistência” Irã–Hezbollah–Houthi–milícias xiitas iraquianas. Teerã aproximava-se perigosamente do limiar nuclear, quando precisos ataques norte-americanos às instalações de enriquecimento interromperam, pelo menos por enquanto, a marcha rumo à obtenção de armas nucleares, que poderiam desestabilizar ainda mais a já conturbada região, que assiste a uma disputa pela hegemonia entre três potências regionais: Arábia Saudita, Irã e Turquia. Israel já sinalizou que não aceitará um Irã com arma atômica. Enquanto isso, os Houthis demonstraram que mísseis de cruzeiro baratos podem paralisar rotas comerciais vitais no Mar Vermelho, evidenciando a vulnerabilidade das cadeias globais de suprimento, que passam pelo sensível *choke point* da navegação internacional. A instabilidade crônica alimenta a corrida armamentista regional.

África: conflitos esquecidos, mas devastadores

Na África, o continente enfrenta uma série de sangrentos conflitos internos e transfronteiriços, frequentemente ligados à luta por recursos naturais, a disputas étnicas e religiosas e à presença de grupos extremistas. Os recentes eventos políticos em nações do *Sahel* e a persistência da violência no centro-leste do continente (como no Sudão e na República Democrática do Congo) indicam limitações significativas de muitos Estados e das estruturas de segurança regional. Ainda é reduzido o espaço dedicado pela imprensa internacional aos desafios humanitários e de segurança presentes no continente.

A América Latina na luta contra o narcoterrorismo

A América Latina, embora historicamente menos central nas grandes rivalidades interestatais, enfrenta uma ameaça crítica que também exige uma resposta militarizada: o narcoterrorismo. O poder e a violência dos cartéis, especialmente no Equador, México e Colômbia, transformaram o crime organizado em uma ameaça real à soberania e à estabilidade democrática. A atuação de forças norte-americanas no Caribe, associada ao apoio a Estados que enfrentam crises relacionadas ao tráfico de drogas, aponta para uma ampliação dos espaços nos quais se manifestam tensões geopolíticas e desafios de segurança, nos quais figuram atores transnacionais não-estatais.



O desafio para a ciência

A nova corrida armamentista é multifacetada, abrangendo não apenas armas convencionais e nucleares, mas também o domínio cibernético e a militarização do espaço. O aumento global dos gastos militares, desviando recursos essenciais para o enfrentamento de crises econômicas, a fome, as pandemias e a desigualdade social, representa uma trágica falha de prioridade.

A comunidade científica tem um papel crucial na análise das causas e das consequências dessas tensões. É preciso sugerir caminhos e alternativas com potencial para pavimentar a cooperação entre os países e a distensão dos conflitos. A pesquisa em diplomacia preventiva, estudos de paz e segurança internacional, utilizando modelos complexos para prever pontos de inflexão, nunca foi tão vital. É imperativo que os periódicos científicos sirvam como fóruns de debate que transcendam as narrativas polarizadas, oferecendo *insights* baseados em evidências para evitar que o fervor da militarização, ou da polarização, ofusque a razão. O futuro da estabilidade global e o bem-estar da humanidade dependem da nossa capacidade coletiva de gerir e, finalmente, desarmar essas tensões.

Por fim, é com o intuito de refletir sobre os aspectos aqui abordados que a RAN reforça o **convite à comunidade acadêmica** para divulgar seus trabalhos e pesquisas em nossa Revista. Acreditamos que a produção acadêmico-científica tem papel relevante na construção de caminhos que levam à compreensão e à prevenção das tensões que moldam o cenário internacional contemporâneo. Por meio de análises realizadas a partir de rigor científico e de debates de qualidade, pode contribuir para ampliar a cooperação entre Estados e fortalecer a diplomacia, visando à paz e à estabilidade global.

Referências

- ANJOS, Leandro Ortolan dos. **Japão e o pacifismo**: o artigo 9 da constituição japonesa e a sua reinterpretação no governo Shinzo Abe. [s.l.: s.n.], [s.d.].
- GEORGE, Mathew; DJOKIC, Katarina; HUSSAIN, Zain; WEZEMAN, Pieter D.; WEZEMAN, Siemon T. **Trends in International Arms Transfers, 2024**. Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI). Fact Sheet 2025. Disponível em: https://www.sipri.org/sites/default/files/2025-03/fs_2503_at_2024.pdf?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 1 dez. 2025.
- REIS, Lohanna. AUKUS, o QUAD e o papel da Austrália na segurança da região do Indo-Pacífico. **Atlas Report**, 31 jan. 2023. Disponível em: <https://atlasreport.com.br/aukus-o-quad-e-o-papel-da-australia-na-seguranca-da-regiao-do-indo-pacifco/>. Acesso em: 2 dez. 2025.